



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CRIANÇAS NO ESPAÇO PÚBLICO: DESIGUALDADE, SEGREGAÇÃO E JOGO¹

Samy Lansky
Faculdade de Educação - Universidade Federal de Minas Gerais
samy@lanskyarquitetura.com.br

Ao abordar as formas como as pessoas circulam e usam os espaços da cidade procuro, através da etnografia *com* crianças nos arredores de um parque público de Belo Horizonte, formas de conhecer, perceber e mapear o urbano, na perspectiva dos sujeitos.

O interesse pelo tema tem em vista a atuação como profissional da arquitetura, envolvido com questões relativas ao planejamento de espaços com crianças, nas interfaces entre o planejamento urbano, a arquitetura e o *design* e em suas diversas escalas, em que as crianças são consideradas na relação com os demais grupos sociais e que se busca aproximar do seu ponto de vista, através de processos que consideram sua participação.

Esta prática levou-me a ter contato com o campo da educação e com as políticas públicas voltadas para este grupo e uma atenção voltada para as relações que ocorrem nos processos de produção dos espaços e para seus agentes, entre eles, os planejadores e os usuários. Tal como já iniciado na pesquisa de mestrado em que analisei os usos de uma praça na periferia da cidade², parto para uma aproximação com o campo dos estudos da infância e principalmente com os campos da sociologia e da antropologia da infância e da criança.

O tema desta investigação é a criança no mundo urbano, o que justifica a escolha pela etnografia, pois, no exercício profissional como arquiteto, sentia falta de informações aprofundadas que só a etnografia poderia alcançar, já que tal metodologia exige uma inserção longa e profunda no campo e um processo atento em busca do sujeito.

¹ Este artigo parte de reflexões iniciais extraídas de pesquisa em andamento realizada para programa de doutorado em Educação na UFMG.

² Praça Jerimum: cultura infantil no espaço público. Dissertação de mestrado em Educação. UFMG, 2006.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Ao investigar o urbano através de uma etnografia, esta pesquisa compreende o espaço e seus usos como fontes privilegiadas de análise, pois tal categoria relaciona-se diretamente com os modos de vida e, portanto é central no desenvolvimento da antropologia como disciplina acadêmica, pois tem influência direta nos conceitos pilares da antropologia contemporânea: o conceito de cultura e o trabalho de campo. No entanto, as pesquisas antropológicas não são consideradas estudos de espaços particulares. Os antropólogos têm estudado pessoas e culturas, não os lugares, apesar do trabalho de campo ser muitas vezes definido pelo recorte espacial onde ocorre o estudo, em especial a aldeia (GULLØV e OLWIG 2003).

Além disto, apesar de toda vida humana se localizar num ambiente que se estende no espaço e apesar das pessoas de todos os lugares ‘construírem’ seus entornos – em suas cabeças se não no solo – Rapoport nota que o estudo da organização espacial e do ambiente construído tem sido negligenciado pela antropologia e nem mesmo uma abordagem ou vocabulário conceitual acordado existe para combater isto (INGOLD, 1994, p. 330 – tradução minha).

Para Ingold e Lucas (2007) a arte, a arquitetura e a antropologia, apesar da utilização de instrumentos distintos, possuem algo em comum: a proposta de descrever, e interpretar os mundos em que habitamos. O principal instrumento utilizado pela arquitetura é a utilização de imagens, especialmente o desenho (croquis, mapas, plantas, cortes, elevações, seções, perspectivas), fotos, animações, entre outros. No caso da antropologia, estamos acostumados com a idéia de que os resultados de uma pesquisa antropológica não são necessariamente restritos a textos escritos. São utilizados inclusive diversos tipos de imagens, fotos e filmes, mas poderia

... também incluir desenhos, pinturas, gravuras ou esculturas? Ou obras artesanais? Ou composições musicais? Ou edifícios? Da mesma maneira, obras artísticas e arquitetônicas não poderiam ser consideradas como formas de etnografia, embora ‘escritas’ em mídias não verbais? (INGOLD e LUCAS, 2007, p. 291 – tradução minha).

Adotando tal direção de trabalho, busca-se nesta pesquisa uma forma etnográfica espacializada que auxilie no mapeamento, percepção e análise do urbano, em outras palavras, busca-se desenvolver um sistema notacional do cotidiano (INGOLD e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

LUCAS, 2007), uma forma de coletar dados e de (d)escrevê-los, para além de textos associados a imagens, próprios das etnografias, o desenho técnico na arquitetura ou a notação musical. Propõe-se nesta investigação o desenvolvimento de uma notação, uma etno-grafia espacializada. Segundo Ingold,

... enquanto seria errado, ou pelo menos enganoso comparar o conhecimento do nativo a um mapa, há certo paralelo que pode ser traçado entre os processos de conhecer e de mapear. Ambas são atividades situadas no ambiente, ambos são realizados ao longo de trilhas de circulação, e ambos se desenvolvem ao longo do tempo (2000, p.1 – tradução NAU – USP, extraída de www.n-a-u.org).

Por outro lado, segundo o autor, a cartografia moderna “vem se preocupando em estabelecer suas credenciais científicas através de sua pretensão de produzir representações exatas e objetivas do mundo lá fora” (2000, p.1 – tradução NAU – USP, extraída de www.n-a-u.org). Ingold prefere a idéia de que conhecemos o ambiente enquanto caminhamos e que o viajante que conhece enquanto caminha, não está elaborando um mapa nem utilizando um. Simplesmente ele está *mapeando*. Assume portanto a idéia de “cartografia de processo” de Rundstrom, no qual mapear é visto como “aberto, contínuo, sempre levando ao próximo instante do mapear, ao próximo mapa” (RUNDSTROM, 1993, *apud* INGOLD, 2000, p. 12 – tradução NAU – USP extraída de www.n-a-u.org).

Como arquiteto fazendo etnografia confesso que, apesar de não ser a minha primeira experiência, considero estar aprendendo a fazer, fazendo e deste modo me reporto ao alguns conceitos da teoria da aprendizagem, que considera que “ *aprendemos fazendo*, no curso da realização das tarefas da vida...” (LAVE, 1990 *apud* INGOLD e LUCAS, 2007, p. 288 – itálicos do autor, tradução minha). E neste aspecto o processo de aprendizagem da etnografia se aproxima do fazer arquitetônico, pois, a cada projeto acumulam-se experiências, mas cada uma delas é distinta da outra. Seja pelas características locais, pelos usos propostos, pelos sujeitos - futuros usuários ou pelas inovações tecnológicas, a cada projeto aprendemos e, portanto poderia afirmar que a arquitetura é também algo que se aprende fazendo, tal como a etnografia.

Espaços urbanos com crianças



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Propõe-se ainda nesta investigação, uma interface com as teorias do espaço a partir dos pressupostos de Henri Lefebvre, pois permitem estabelecer um diálogo entre campos distintos. O espaço social para o autor, engloba as coisas produzidas, compreende suas relações em sua coexistência e sua simultaneidade, ordem e/ou desordem. É resultado de uma seqüência e de um conjunto de operações e, portanto, não pode se reduzir a um simples objeto, apenas um “produto”, pois é fator central no estabelecimento, ou não de interações sociais e, portanto altera a construção das noções de sociedade. O autor discute, em seu livro *Direito à Cidade*, as possibilidades de encontros em espaços coletivos, o valor de uso dos lugares em contraposição ao valor de troca, a cidade como “lugar do desejo”, tempo do lúdico e do imprevisível (LEFEBVRE, 2009[1968], pág. 84 - 85).

No entanto para Soja (2000), atualmente ocorre a destruição do espaço público relacionada à ofensiva de segurança com objetivo de atender a demanda da classe média de isolamento sócioespacial. Desta forma, a metrópole contemporânea se caracteriza por espaços policiados, privatizados, pseudo-públicos. No contexto brasileiro, segundo Caldeira (2000), a fala do crime elabora preconceitos e naturaliza a percepção de certos grupos como perigosos. Como consequência, observamos a reclusão de alguns grupos sociais em ‘enclaves fortificados’: novo padrão de segregação urbana que representa o lado complementar da privatização da segurança e transformação das concepções de público e exemplifica a emergência de um novo padrão de organização das diferenças sociais no espaço urbano.

Como desdobramento deste processo, a criança urbana torna-se uma das principais vítimas da segregação socioespacial, resultando em casos de confinamento e/ou de controle excessivo para alguns grupos e marginalização para outros. Ao tratar da temática da criança no espaço público, é importante lembrar que no meio urbano, o contraponto moderno-industrial entre vida pública (relacionada ao homem adulto) e vida privada (relacionada à mulher e à criança) dá origem à separação entre o universo adulto e o infantil (SENNET, 1988) e significou o surgimento de uma série de espaços e objetos produzidos especificamente para as crianças, tais como as escolas, creches,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

parques, etc. No entanto tal contraponto não é encontrado em outros meios, tal como, por exemplo, entre grupos indígenas brasileiros (NUNES, 2002; COHN, 2005; SILVA, 2011). A crescente ausência de autonomia infantil em relação à mobilidade nos meios urbanos contemporâneos (NETO, 2006) é um dos fenômenos associados a algumas crianças européias, norte-americanas e a brasileiras de classe média e alta, moradora de bairros e condomínios. Por outro lado, diversos estudos brasileiros observaram que o terreno em que a favela se localiza e até mesmo as ruas próximas são exploradas pelas crianças, constituindo o território do cotidiano infantil, onde exercem considerável domínio (LIMA, 1989; GOUVÊA, 1990; DEBORTOLI, 1995; LANSKY, 2006).

Portanto, não podemos desconsiderar que as condições estruturais influem diretamente nas formas que as crianças circulam e usam os espaços da cidade. Ao considerar o quadro de relações sociais complexas, próprias da sociedade contemporânea, as categorias gênero, idade, etnia e classe social são inseparáveis das posições ocupadas pelos indivíduos.

Sendo o contraste resultante da desigualdade social uma característica marcante da sociedade brasileira, principalmente da parcela moradora em áreas urbanas e que os espaços são produzidos de acordo com tal estrutura, se coloca a questão: de que maneira aferir as diferentes formas como as crianças usam e circulam nas cidades brasileiras, levando em conta a desigualdade social?

Local da Pesquisa

No Brasil e em outros países “em desenvolvimento”, as cidades grandes são caracterizadas pela extrema diversidade e desigualdade de seus habitantes, resultando em nítida segregação socioespacial. Aos habitantes das favelas nem o direito à moradia é garantido, o que dizer a respeito do direito à cidade (Lefebvre)? A cidade é “formalmente” dos moradores dos bairros e aos “favelados” cabe um lugar marginal, muito bem demarcado – apenas a cidade “informal”. Poderíamos especular portanto, que a criança moradora da favela é duplamente excluída ou segregada nestes meios, pela sua condição de criança e pela pertença ao grupo social sem lugar na cidade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Belo Horizonte, cidade planejada para 200 mil habitantes como a nova capital do estado de Minas Gerais no final do século XIX, entra no século XXI com uma população de quase três milhões de habitantes. A partir de um Plano Original que projetava um limite territorial, a Avenida do Contorno, atualmente as fronteiras entre municípios vizinhos não são nítidas e muitos de seus habitantes circulam diariamente entre eles. Moram em um município, trabalham em outro e às vezes estudam num terceiro. Inclusive algumas crianças circulam diariamente entre municípios distintos, tal como as moradoras de condomínios fechados, a maioria localizados fora de BH, opção adotada pelos pais associada à escolha por estudarem em escolas particulares na capital.

Atualmente, Belo Horizonte é dividida em nove regionais administrativas sendo que a Centro-Sul engloba a área do Plano Original, alguns bairros “valorizados” (Mangabeiras, Lourdes, Funcionários, São Bento, etc.), o maior aglomerado de favelas do município, o Aglomerado da Serra e outros aglomerados e favelas, tais como a Vila Acabamundo, o Conjunto Santa Maria e Aglomerado Santa Lúcia (ver figura 1). É portanto uma das regiões mais desiguais do município de Belo Horizonte, o que contextualiza a escolha de um espaço público neste local para a pesquisa: uma região de uma grande cidade onde a diversidade cultural e a desigualdade sócioeconômica são marcantes. Na “fronteira”, um parque foi implantado junto a uma delegacia de polícia, uma escola e um posto de saúde públicos, entre outros equipamentos públicos e privados.

O caso do Parque Jornalista Eduardo Couri ou Parque da Barragem Santa Lúcia ou simplesmente “Barragem” e seus arredores dá visibilidade a uma série questões levantadas por esta pesquisa. Em primeiro lugar por se localizar fora do plano original da cidade, o que permite estabelecer um contraponto entre o planejado originalmente, a cidade “formal” estabelecida na segunda metade do século XX e o Aglomerado Santa Lúcia ou Morro do Papagaio, um conjunto de cinco favelas cujos “... moradores mais antigos contam que a história do aglomerado começou no início da década de 1920...” (CRUZ, 2009, p. 22). Em segundo lugar por se tratar de uma região onde os espaços



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

públicos, ou seja, o Parque da Barragem, as praças, largos, ruas e calçadas serem utilizadas pelos habitantes da cidade, entre moradores dos bairros, do morro, de outras regiões da cidade e também por pessoas que trabalham, estudam ou buscam o lazer ali, configurando-se como uma paisagem diversa, composta por pessoas de diversos grupos sociais, etnias, grupos etários, etc. moradoras de bairros “nobres”, das favelas “marginais” ou de outros bairros e municípios. Além disto, o Parque da Barragem é integrado à malha urbana da região, localiza-se entre a favela e o bairro e não é cercado, portanto com acesso não controlado, o que poderia apresentar usos mais espontâneos.

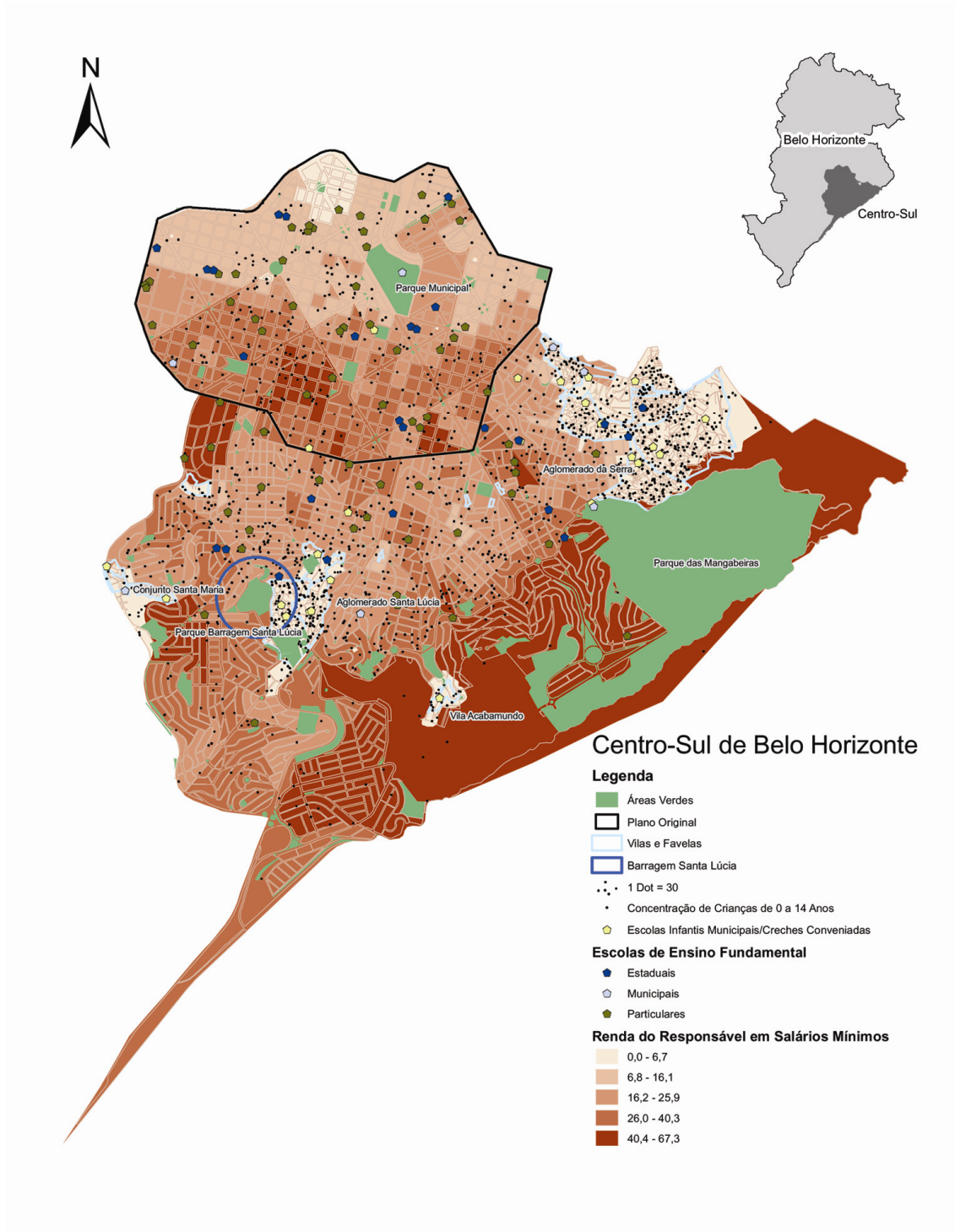


Figura 1: Mapa da Regional Centro-Sul de Belo Horizonte com destaque para os arredores do Parque da Barragem Santa Lúcia, realizado pelo autor com a colaboração de Lauro Fráguas a partir de dados do Censo 2000.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Outro aspecto importante deste local é o fato do Parque da Barragem Santa Lúcia se localizar em região residencial, pois sugeria a possibilidade de encontrar crianças moradoras do entorno imediato sem a companhia adulta, em seus “pedaços” (MAGNANI, 1984), além disto poderia encontrar crianças circulando a pé entre as muitas escolas públicas e privadas e as suas residências.

A composição dos fatores citados torna os arredores do Parque da Barragem Santa Lúcia um local precioso, pois além de possibilitar acesso a informações que buscam responder às questões enfrentadas neste estudo, dá visibilidade a uma série de aspectos presentes em outros locais da cidade e certamente em outras cidades também. Aglutina elementos que dificilmente encontramos juntos no mesmo local e permite comparações com outros locais, pois, é possível observar algumas de suas características em outras regiões.

Metodologia

Nesta pesquisa são utilizadas diversas formas de coleta de dados tendo como objetivo a busca pelo urbano, pelo sujeito no urbano e por novas formas etnográficas - sem abdicar de sua densidade. A observação participante ocorreu em dois ambientes distintos: o primeiro, nos arredores da Barragem, ocorrida entre maio de 2009 a agosto de 2010 e de fevereiro de 2011 até o momento, o pesquisador caminha pelos espaços abertos públicos tendo as crianças como sujeitos. No segundo, o pesquisador colaborou, entre outubro de 2009 a julho de 2010, com equipe de planejadores que elaborava diagnósticos e diretrizes para políticas públicas para a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), denominado Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado (PDDI)³. Neste caso, os sujeitos foram os planejadores, entre colegas, pesquisadores e professores e a visão urbanística sobre infância e espaços públicos.

³ A Região Metropolitana de Belo Horizonte é constituída por 34 municípios com população aproximada de 5 milhões de habitantes. No segundo semestre de 2009, o Governo do Estado de Minas Gerais, através da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Regional e Política Urbana (SEDRU) contratou a UFMG, através do CEDEPLAR (Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional de Minas Gerais) -



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A observação participante nos arredores do Parque da Barragem Santa Lúcia se deu inicialmente em movimento e a pé, em busca da presença das crianças em público. Na primeira fase do campo, o pesquisador explora distintos dias da semana, horários e espaços, com o objetivo de identificar a presença de crianças, sua circulação e usos dos espaços. A recorrência de certas presenças e situações aciona interlocuções aproximadas com algumas crianças, que foram acompanhadas em suas brincadeiras, conversas, deslocamento, etc. Alguns meninos e meninas desenharam a Barragem Santa Lúcia. Num outro momento o pesquisador passa a colecionar e trocar figurinhas no Clubinho de Trocas ao redor da banca de revistas na Praça República do Líbano em que pessoas de todas as idades, homens e mulheres dos distintos grupos sociais participam. A fotografia e a filmagem foram pontualmente utilizadas como recurso de registro, visto a interferência que tal registro imprimia às cenas. Nesta primeira fase da observação, organizo os dados em planilhas. A cena é, neste caso, a unidade de análise associada a um local, um turno de dia específico, a presença de crianças (segundo a presença ou não de acompanhantes, local da moradia, gênero e faixa etária), tipo de atividade, a presença ou não de brinquedos, equipamentos e demais elementos do ambiente. Além da busca por categorias locais e aspectos recorrentes, esta opção por organização dos dados, facilitaria a utilização dos dados em programa de geoprocessamento, que permite a análise e o cruzamento de informações a partir de planilhas associadas aos pontos espacializados, ferramenta experimentada na experiência de trabalho em equipe de planejamento do PDDI.

Na segunda fase, de fevereiro de 2011 até o momento, estabeleço um recorte espaço-temporal para a observação. Fixo-me em local privilegiado de interação com os usuários do espaço: ao redor da barraquinha de coco e nos finais de semana. A partir da recorrência ali, acabo conhecendo algumas famílias, estabeleço proximidade e peço as crianças para desenharem. Tal atividade passa a caracterizar o pesquisador e as crianças, especialmente as moradoras do Morro, passam a solicitar o material para desenho. Estabeleço como desafio a interlocução com as crianças moradoras dos bairros, entre 8 e 12 anos, pouco presentes ali. Meninos e meninas do morro desta faixa etária,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

acompanhadas e não acompanhadas são muito presentes. Nesta segunda fase da observação busquei formas mais diretas de espacialização dos dados etnográficos. A partir das anotações em diário de campo, o percurso (caminho) realizado pelo pesquisador em campo é diretamente lançado no Google Earth, constituindo diários de campo espacializados.

Na ocasião de trabalho no PDDI, além da oportunidade de participar de uma equipe de planejamento em macro-escala, pude observar e tentar compreender como a temática da criança e do espaço público poderia ter expressão num planejamento de âmbito regional, a partir da visão dos sujeitos planejadores. A experiência de trabalhar com planejamento, portanto tornou-se, num segundo momento, objeto de reflexão e análise, pois possibilitou o contato com uma quantidade e riqueza de dados georreferenciados e georreferenciáveis que dificilmente teria em outra situação. Aproveitei a oportunidade para contemplar os sujeitos da minha investigação, as crianças, através dos instrumentos da cartografia.

Este conjunto de elementos contribuiu ao final para a construção de uma outra locação em campo, distinta da experiência anterior com etnografia, realizada principalmente através da interação direta com os sujeitos. Foi possível assim, realizar um outro tipo de leitura, mais espacializada, através de um olhar que não era apenas de um planejador distante, nem de quem participa do cotidiano com as crianças, mas alternando a perspectiva e os modos de ver as crianças no mundo urbano. Esta forma etnográfica permitiu progressivamente a construção de um posicionamento e exigiu a busca por outras formas de registro de campo. Este conjunto de elementos, de alternância de posicionamento, de perspectiva e de registro gráfico espacializado é que denomino neste estudo de forma etnográfica espacializada - uma *etno-mapo-grafia*.

Alguns dos resultados desta construção em andamento são apresentados neste artigo.

Entre o jogo e a guerra: mapeamento provisório da circulação e dos espaços com crianças nos arredores da Barragem Santa Lúcia

A figura 2 é resultado do exercício de mapeamento etnográfico em andamento, resultado da observação participante no campo descrita anteriormente, realizada a partir da extração de imagem de satélite do *Google Earth*. É possível observar nesta imagem, o Parque da Barragem Santa Lúcia, o Aglomerado Santa Lúcia e os bairros de classe média nos arredores. Além disto, foram espacializadas algumas das referências importantes do local, tal como escola, batalhão policial, delegacia, academia, etc.



Figura 2: Intervenção do autor com a colaboração de Carla Medina e Luciana Guizan sobre imagem de satélite extraída do Google Earth.

A recorrência da circulação de crianças gerou as setas amarelas – os trajetos – e a concentração de cenas com a presença das crianças gerou as manchas coloridas. Os trajetos observados foram realizados especialmente pelas crianças moradoras do Aglomerado, entre a moradia e a escola pública e entre a moradia e os locais onde buscam recursos como pedintes. As crianças moradoras dos bairros estudam em escolas particulares e circulam entre a moradia e a escola principalmente de automóvel guiado pelos pais ou por transportes coletivos escolares. A presença de crianças dos bairros é visível apenas em situações específicas, ao contrário do que acontece com as crianças da favela, muito presentes no local. O encontro entre moradores do aglomerado e dos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

bairros é permeado pelo camaradagem, medo, desigualdade e segregação. No jogo e na guerra presentes no espaço, as crianças da favela estão presentes e são agentes da ação.

Meninos e meninas dos bairros foram observados principalmente no **Clube de Trocas** de figurinhas e, próximas à Barraquinha de Coco, apenas as pequenas (ver figura 2). Não circulam a pé pelos arredores e em todas as cenas estavam acompanhados de adultos. Já os meninos e meninas da favela foram observadas em todos os espaços, acompanhadas e desacompanhadas e circulam a pé ou de bicicleta. Ao interagirem com os moradores do bairro as desacompanhadas assumem o papel de pedintes especialmente em frente à drogaria e a padaria e pela mediação de conflitos.

O **Clube de Trocas** de figurinhas é promovido por uma banca de revistas, atrai, há mais de dez anos, pessoas de todas as idades dos bairros próximos e até mais distantes. A presença das crianças dos bairros acompanhadas, especialmente meninos, é visível nestes momentos, e mesmo que não desfrutem de grande liberdade de movimentação, procuram as brechas para brincarem entre pares e se afastam dos adultos e até do jogo. As crianças do Morro não colecionam as figurinhas da mesma forma, mas acabam que entram na brincadeira, ao receberem as repetidas daqueles que completam os álbuns. A partir daí meninos e meninas passam a vendê-las e a participar do jogo, da troca. A relação entre todos é de uma certa “camaradagem” em que as negociações são flexíveis e as pessoas se esforçam para ajudarem umas às outras, inclusive às crianças do morro.

O **futebol** é atividade bastante presente no espaço e muito visível, seja na prática da atividade, nos encontros de torcedores em botecos da região, tanto para assistirem aos jogos como para comemorarem vitórias, quanto no Clube de Trocas, em que o tema faz bastante sucesso nos álbuns. No entanto, a atividade nos espaços públicos é exercida principalmente pelos moradores das favelas. Os moradores dos bairros preferem a escolinha de futebol, os clubes particulares, ou até as quadras dos edifícios residenciais. Por outro lado, mesmo no espaço público é possível observar uma hierarquia nos usos dos espaços. Os dois campos são utilizados para jogos organizados, especialmente homens adultos uniformizados. Os meninos os utilizam uniformizados acompanhados de professores, em práticas de treinamento orientado. Já a quadra pequena, próxima ao



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

parquinho, é utilizada pelos meninos jovens e crianças, poucas meninas, em jogos ainda com certas normas e formas de organização, no entanto de maneira bastante informal, maneira de jogar denominada de *pelada*. Ao seu redor, a atividade é ainda mais informal, nos gramados, sem traves e regras rígidas. Nestas situações *batem uma bolinha*, sem times, sem contagem de pontos e de tempo. Assim, muitos aprendem a jogar com os mais velhos.

Outro jogo observado no local merece atenção: o *pau-no-litro* ou *pau-na-lata*, adaptação do *bente altas*, brincadeira de rua tradicional. Neste local, crianças utilizam-se de materiais encontrados nas ruas para construírem o equipamento necessário, bastões construídos de madeira e obstáculos construídos de garrafa de plástico. Além deste local, esta brincadeira foi encontrada pelo pesquisador na Praça Jerimum e no Parque JK, configurando-se como expressão da cultura lúdica infantil que é transformada e transmitida pelas crianças através espaços públicos da cidade.

A **quadra pequena** junto ao **parquinho** formam um espaço em que meninas e meninos circulam e suas atividades são muito visíveis (ver figura 2). Localiza-se no entanto em local emblemático, entre o bairro, a favela e a delegacia. É possível observar que tal espaço é o mais mal conservado e sujo do parque, onde é possível encontrar lixo e até mesmo galinhas no local, além do mato alto.

Os brinquedos de madeira estão quebrados e os de alvenaria pichados. Ainda assim o espaço é utilizado especialmente pelos meninos para soltar papagaios, jogar bola, fazer acrobacias, jogar capoeira, fumar e até brincar nos restos dos brinquedos existentes. A quadra é um dos principais locais de encontro das crianças, e das crianças com jovens e adultos. As atividades são na sua maioria espontâneas. Em apenas duas situações crianças dos bairros estavam presentes.

Paradoxalmente, se constitui um limite e uma fronteira da investigação. Neste local, o pesquisador toma contato com a violência, o medo e expõe-se ao risco. Logo ali atrás do Batalhão de Polícia é o *Greenville*, onde “... os meninos estão em guerra com os da rua



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

H.” (Menino, 8 anos). “... é o inferno na Terra” (Rapaz morador do local e vendedor da Barraquinha de Coco).

Os diversos discursos sobre a guerra, armas e tiros no local não só no parquinho, mas em todo o local da pesquisa leva o pesquisador a questionar a razão de tal guerra e a partir da questão colocada aos sujeitos da pesquisa obtém como resposta que os motivos são “bobos, fúteis, não estão relacionados ao tráfico” (rapaz, morador do local), ou que os meninos “nasceram na guerra” (menino, 8 anos).

Considerações finais

Ao pesquisar as crianças e seus modos de vida na cidade, poderia classificar sinteticamente em três grupos, sem desconsiderar a heterogeneidade interna a cada um dos grupos: as moradoras dos bairros, dos condomínios e das favelas. Se por um lado a necessidade de proteção está colocada, a ênfase neste aspecto da vida social pode alterar as formas como as crianças aprendem a se relacionar com o outro, o diferente. As moradoras dos bairros, por exemplo, ao serem impedidas de circular e de usar os espaços públicos, tornam-se vítimas do confinamento ou do controle excessivo, impedidas de experimentar a diversidade. Às moradoras dos condomínios fechados é negada a cidade, modo de vida resultante da escolha dos pais pelo isolamento e pela vida entre iguais. Já as moradoras das favelas, ao circularem desacompanhadas podem estar mais vulneráveis à violência, característica presente nas cidades grandes brasileiras. Por outro lado, ao usarem e circularem pelos espaços urbanos, são algumas das principais responsáveis pelo desenvolvimento e transmissão de elementos das culturas próprios de infância.

Referências bibliográficas

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

COHN, Clarice. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005.

CRUZ, Márcia. *Morro do Papagaio*. Belo Horizonte: Editora Conceito, 2009.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. *Equilibrando sobre um arame de farpas: infância e indelicadeza no Cotidiano do Alto Vera Cruz*. Dissertação de Mestrado em Educação – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. *Anjos sobre a cidade: a criança de favela e seu mundo de cultura*. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1990.

GULLØV, Eva; OLWIG, Karen Fog. *Children's places: cross-cultural perspectives*. London: Routledge, 2003.

INGOLD, Tim. *Introduction to culture*. In: INGOLD, Tim (ed.). *Companion Encyclopedia of Anthropology*. London: Routledge, 1994.

INGOLD, Tim. *To journey along a way of life: maps, wayfinding and navigation*. In: INGOLD, Tim. *The perception of environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. Oxon: Routledge, 2000.

INGOLD, Tim. *Jornada ao longo de um caminho de vida – mapas, descobridor-caminho e navegação*. Tradução de *To journey along a way of life: maps, wayfinding and navigation*. In: INGOLD, Tim. *The perception of environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo, extraída de www.n-a-u.org em março de 2010.

INGOLD, Tim. LUCAS, Ray. *The 4 A's (Anthropology, Archaeology, Art and Architecture): reflections on a teaching and learning experience*. In: HARRIS, Mark (ed.). *Ways of knowing: new approaches in the anthropology of experience and learning*. Great Britain: Berghahn Books, 2007.

LANSKY, Samy. *Praça Jerimum: cultura infantil no espaço público*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2009.

SOJA, Edward. *Postmetropolis: Critical Studies of Cities and Regions*. Oxford: Blackwell, 2000.

LIMA, Mayumi Souza. *A cidade e a criança*. São Paulo: Nobel, 1989.

SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

NETO, Carlos. *A criança e o jogo: perspectivas de investigação*. Disponível em: <<http://www.fmh.utl.pt>>. Acesso em: 8 ago. 2006.

NUNES, Ângela. *No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças Aúwe-Xavante*. In: MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva; NUNES, Ângela; SILVA, Aracy Lopes da Silva (Org.). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global, 2002.

SILVA, Rogério Correia da. *Circulando com os meninos: infância, participação e aprendizagens de meninos indígenas Xakriabá*. Tese de doutorado em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.